

ESTUDO DA INSERÇÃO PROFISSIONAL E DO PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS EGRESSOS DO CURSO DE ENGENHARIA CIVIL DA UFERSA NOS PERÍODOS LETIVOS DE 2013.1 A 2019.1 NO CAMPUS DE MOSSORÓ-RN

José Cláudio Fernandes de Souza Filho¹, Raimundo Gomes de Amorim Neto²,

Resumo: O levantamento de dados dos egressos possibilita a identificação de determinados padrões, que quando aplicados em ações estratégicas dentro do ensino de graduação, proporcionam a melhoria da gestão de discentes atuais e futuros. Por isso, esse estudo visa o monitoramento e acompanhamento dos egressos de Engenharia Civil, pelo levantamento de um perfil gráfico dos dados obtidos dos egressos formados entre os semestres letivos de 2013.1 e 2019.1 na UFERSA no *campus* de Mossoró-RN. Este estudo foi pautado pelo cruzamento do conjunto de dados obtidos de uma amostra, definida estatisticamente, desses egressos através da ferramenta *Google Forms*. Dessa forma, foi possível apontar informações relevantes como: renda, empregabilidade, gênero, idade e moradia, para a realização de futuros estudos sobre os egressos e para o aprimoramento do curso de graduação, que neste momento vive uma transição de estrutura curricular e revisão do Projeto Pedagógico do Curso. Além disso essa pesquisa aborda e relaciona com a realidade vivenciada pelos egressos da amostra, breves discussões sobre gênero, desigualdades salariais e a crise financeira no Brasil ocorrida na última década; mostrando que realmente existe a disparidade entre os salários e que a crise financeira afetou a empregabilidade dos egressos estudados.

Palavras-chave: Empregabilidade; Desigualdade; Gênero; Mercado; Discentes.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (2012, p. 13), que estabelece as diretrizes para a formação de Engenheiros Civis, a história do curso de Engenharia Civil na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) iniciou no ano de 2007 [16], quando o Governo Federal implementou o Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) [13], pelo Decreto nº6.096 de 24 de abril de 2007, como uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). O REUNI forneceu as condições necessárias para a ampliação do acesso e permanência na Educação Superior e propiciou a criação de sete Cursos de Engenharias: Mecânica, de Produção, Civil, Química, de Energia, do Petróleo e Agrícola e Ambiental.

A conclusão do Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BC&T) é a primeira etapa para o aluno que desejar graduar-se no Curso de Engenharia Civil fornecido pela UFERSA nos *campus* de Mossoró, Angicos, Caraúbas e Pau dos Ferros no estado do Rio Grande do Norte. Nessa etapa, com duração de três anos, o aluno irá cursar algumas disciplinas de núcleo básico para todas as Engenharias ofertadas e algumas disciplinas do núcleo profissionalizante. Após a conclusão do Bacharelado em Ciência e Tecnologia, o aluno poderá ingressar no Curso de Engenharia Civil, com duração de dois anos, e cursar o restante das disciplinas do núcleo profissionalizante que fornecerão ao graduado o “conhecimento necessário para estudos, projetos e execução das construções, a escolha e a especificação dos materiais de construção e o acompanhamento técnico da execução das obras” (PPC, 2012) [16].

Nessa pesquisa, pela obtenção de dados sobre os primeiros anos após a formação acadêmica dos egressos – alunos graduados –, foi realizada a produção de um quadro geral, qualitativo e quantitativo, acerca das características dos egressos formados no curso de Engenharia Civil no *campus* de Mossoró-RN entre os semestres letivos de 2013.1 e 2019.1 na UFERSA.

Portanto, como objetivo geral, esse estudo visa o monitoramento e acompanhamento dos egressos de Engenharia Civil, pelo levantamento de um perfil gráfico dos dados obtidos, como: renda, empregabilidade, gênero, idade e moradia. A finalidade é guiar no processo de construção e aprimoramento do curso de Engenharia

¹ Graduando em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

² Doutor em Ciências e Engenharia de Materiais pela Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo (2019); Mestre em Engenharia Civil (Engenharia de Estruturas) pela Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo (2008); Graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2005); Professor ADJUNTO I da Universidade Federal do Semiárido (CE-DECAM-UFERSA).

Civil da UFERSA para a próxima década, fornecendo dados relevantes para a realização de futuros estudos sobre os egressos e para o aprimoramento do curso de graduação, que neste momento vive uma transição de estrutura curricular e de revisão do Projeto Pedagógico do Curso. Além disso, pelo objetivo geral foi possível traçar os seguintes objetivos específicos:

- Verificar se o período de menor empregabilidade dos egressos coincide com o período de crise no mercado de trabalho de Engenharia Civil;
- Verificar se a renda média dos egressos é superior ou inferior ao piso estabelecido para engenheiros civis no Brasil;
- Verificar se há algum tipo de desigualdade entre os egressos do gênero feminino e masculino.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Crise financeira e o setor da construção civil

Muitos resultados negativos foram causados na economia do país com o recesso financeiro iniciado no segundo trimestre do ano de 2014 (BARBOSA FILHO, 2017) [1], como a falência de muitas empresas devido à desaceleração do país (MATTEI; CUNHA, 2020) [11]. De acordo com Pignata & Carvalho (2015), o efeito mais imediato foi a grande redução do nível de emprego [14], passando de 49,5 milhões empregos formais em 2014 para 46 milhões em 2016 (RAIS, 2018) [17], porém, “vários outros efeitos secundários aprofundaram a recessão como o aumento da taxa de juros, aumento do desemprego, a queda da renda, a contração do mercado de crédito e a redução dos investimentos públicos” acrescenta Pires (2016) [15].

De acordo com Mattei & Cunha (2020), o setor da construção civil era um dos que mais geravam empregos até 2013 e foi o mais afetado com a crise iniciada no ano posterior, com uma redução de 31% do nível de emprego entre 2013 a 2016 [11]. Contudo, em 2020, a construção civil ainda apresenta incertezas de mercado, principalmente devido a lenta recuperação econômica que ocorreu no Brasil até 2019 e alta queda do Produto Interno Bruto (PIB), de 9,7%, no segundo trimestre de 2020 (IBGE) [10], causada pela recessão econômica devido a pandemia de Covid-19 iniciada, no mundo, no final de 2019.

2.2. Discussão de gênero e desigualdade salarial

Na atualidade é sensato compreender que identidade de gênero é uma representação construída pela sociedade (BUTLER, 1990) [3]. Tendo isso em mente, é possível que pessoas que nascem com um sexo biológico relacionado a um grupo de características de gênero idealizadas pela sociedade (genitália, forma de se vestir e de se comunicar, traços físicos), mas que ao decorrer de suas vidas passem a se identificam com o gênero oposto, possam ser tratadas com mais respeito e igualdade. Contudo, pessoas transgêneras (que não se identificam com as características predefinidas para o seu sexo biológico) e pessoas não-binárias (que não se identificam completamente nem com um gênero nem com o outro) lutam para conquistar espaço em uma sociedade que é em grande parte conservadora, e quando não conseguem são marginalizadas, principalmente no mercado de trabalho em geral, sofrendo agressões psicológicas, morais e físicas constantemente. Portanto, é necessária a existência desse debate para diminuir a desinformação e o preconceito na sociedade, assim, foi considerado nesse presente artigo que usar somente os adjetivos “feminino” e “masculino” para os egressos da amostra, é mais humanitário e enquadra um maior número de possibilidades.

Tratando-se da desigualdade no mercado de trabalho por gênero é possível perceber que existem discrepâncias entre remuneração, que podem impactar, negativamente, tanto nas condições de vida das pessoas quanto na economia, contribuindo para aumentar a pobreza e outras desigualdades sociais. Por isso, estudar as causas das desigualdades salariais entre pessoas do gênero feminino e masculino é relevante para os brasileiros (MATTEI; BAÇO, 2017) [12]. As desigualdades salariais entre pessoas do gênero feminino e masculino no Brasil podem ser verificadas pela análise dos salários médios.

Segundo a Relação Anual de Informações Sociais de 2019 (RAIS, 2019), a remuneração média medida em reais, em dezembro de 2019, no Brasil, para pessoas do gênero masculino era de R\$ 3359,00 enquanto que para pessoas do gênero feminino no mesmo período era um valor inferior de R\$ 2902,58 [2]. Essa diferença salarial média menor para pessoas do gênero feminino pode ser atribuída a diversos fatores como: a existência de discriminação, diferenças de escolaridade, disponibilidade de horas para trabalhar, diferenças de inserção no mercado, entre outras (MATTEI; BAÇO, 2017) [12].

2.3. Metodologia

De acordo com GIL (2002), qualquer classificação se faz mediante a algum critério. Usando como critério o planejamento da pesquisa [17], esse estudo se classifica como um levantamento estatístico, pois no delineamento do estudo houve o contato direto, por meio de um questionário *online* como instrumento de coleta, com o grupo de indivíduos – os egressos – cuja a intenção foi de reunir dados sobre suas características e comportamentos.

O questionário foi elaborado por meio da ferramenta *Google Forms* - visando uma abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa para os dados obtidos e as 37 (trinta e sete) perguntas do questionário foram divididas em três seções: dados pessoais (idade, gênero, ano de ingresso e de conclusão do curso, moradia atual e moradia natal); perfil socioeconômico e profissional (área de atuação, renda, situação profissional); e avaliação do curso/autoavaliação. Dessa forma foi possível uma análise mais abrangente dos dados, como em uma futura atualização do Projeto Pedagógico do Curso dos egressos estudados. O endereço do questionário *online* foi enviado via *e-mail* em novembro de 2019, para os endereços eletrônicos dos 359 (trezentos e cinquenta e nove) egressos do *campus* de Mossoró-RN presentes na base de dados da UFERSA, entre os semestres letivos 2013.1 e 2019.1 do curso de Engenharia Civil. Em um intervalo de dez meses, de novembro de 2019 a setembro de 2020, foram obtidas 145 respostas.

A intenção inicial no Pré-Projeto desta pesquisa era de trabalhar com a população de egressos do curso de Engenharia Civil formados entre os semestres letivos 2013.1 e 2019.1 - última turma a ter se formado até o envio dos questionários via *e-mail*. Porém, como a aplicação do questionário não foi efetiva, já que os egressos possuem a opção de responder ou não, foi necessário designar um tamanho de amostra estatística dos egressos para “determinar, em termos numéricos, a probabilidade de acerto de determinada conclusão, bem como a margem de erro de um valor obtido” GIL (2008) [8]. O tamanho da amostra, foi calculado pela Equação 1:

$$n = \frac{\frac{z^2 \cdot P \cdot (1 - P)}{e^2}}{1 + \frac{z^2 \cdot P \cdot (1 - P)}{e^2 \cdot N}} \quad (1)$$

Sendo:

n – Tamanho da amostra;

z – Escore z;

P – Valor de referência populacional;

e – Margem de erro;

N – Tamanho total da população.

Sendo 359 (trezentos e cinquenta e nove) o tamanho da população de egressos N; adotando para o Escore z de 1,96 uma confiabilidade de 95%; utilizando como referência populacional a proporção entre egressos que se identificaram na base de dados da UFERSA, sendo: 210 egressos do gênero masculino (0,585) e 149 egressos do gênero feminino (1 - 0,585); e valendo-se de uma margem de erro de 7%, têm-se o valor conhecido abaixo:

$$n = \frac{\frac{1,96^2 \cdot 0,585 \cdot (1 - 0,585)}{0,07^2}}{1 + \frac{1,96^2 \cdot 0,585 \cdot (1 - 0,585)}{0,07^2 \cdot 359}} = 124,39 \quad (2)$$

Assim, 125 respostas de egressos é o número ideal para uma amostra que pode descrever a população desta pesquisa dentro uma margem de erro de 7% e confiabilidade de 95%. As 125 respostas foram escolhidas aleatoriamente pelo programa *Excel* dentro das 145 respostas já obtidas, sendo aproveitadas somente as respostas nas quais o egresso identificava o seu gênero como feminino ou masculino. Ademais, essas respostas foram distribuídas por proporção entre a quantidade de egressos por semestre letivo, como mostra a Tabela 1:

Tabela 1. Distribuição das respostas escolhidas dos egressos por semestre letivo e por gênero

Semestre letivo	Quantidade de Egressos		
	Masculino	Feminino	Total
2013.1	5	3	8
2013.2	6	4	10
2014.1	5	3	8
2014.2	6	5	11
2015.1	6	4	10
2015.2	6	5	11
2016.1	5	4	9
2016.2	5	4	9
2017.1	5	4	9
2017.2	6	5	11
2018.1	5	4	9
2018.2	5	4	9
2019.1	6	5	11
Total	71	54	125

Portanto, por proporção populacional, foram escolhidas aleatoriamente para o tratamento e análise de dados e para a elaboração da representação gráfica: 71 respostas de egressos que se identificaram como sendo do gênero masculino e 54 respostas de egressos do gênero feminino.

3. RESULTADOS

3.1. Gênero, idade e empregabilidade dos egressos

A maior parte dos egressos formados nas turmas de Engenharia Civil da UFRSA no *campus* de Mossoró-RN, entre os períodos letivos de 2013.1 à 2019.1, se identificam com o gênero masculino, sendo 210 egressos representando 58,50% do total. Do outro lado, 149 egressos se identificam com o gênero feminino, representando 41,50% do total. Nessa pesquisa, como o atributo “gênero dos egressos” foi utilizado como referência populacional para a determinação da amostra, por proporção foram escolhidas 71 respostas de egressos que se identificaram como sendo do gênero masculino (56,80%) e 54 respostas de egressos do gênero feminino (43,20%), como relatado anteriormente na metodologia deste artigo.

Da amostra, 54,40% representam os egressos na faixa etária dos 26 aos 30 anos, sendo 27,20% egressos femininos e 27,20% egressos masculinos. Uma pequena parte dos egressos estão na faixa etária dos 36 aos 40 anos, representando apenas 2,40% do total da amostra, sendo 0,80% egressos femininos e 1,80% egressos masculinos. Já as faixas etárias 21 a 25 anos e 31 a 35 anos representam 43,1% da amostra, sendo 12,80% e 19,80% compondo em sequência egressos femininos e egressos masculinos na faixa dos 21 aos 25 anos; ademais 2,40% e 8,40% compondo em sequência egressos femininos e masculinos na faixa dos 31 aos 35 anos. A Figura 1 mostra a distribuição de faixa etária dos egressos por gênero.

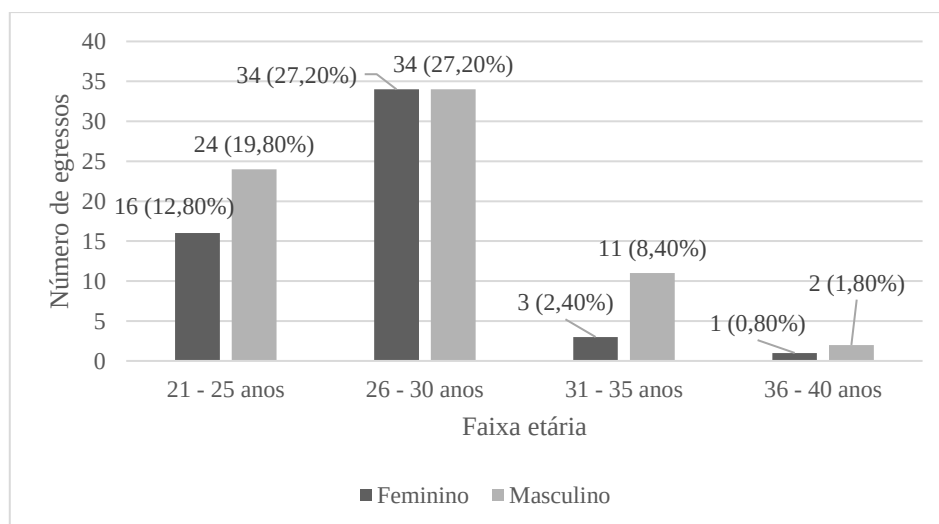


Figura 1. Faixa etária dos egressos da amostra por gênero (Autoria própria)

A empregabilidade – capacidade de mover-se de maneira autossuficiente dentro do mercado de trabalho (Hillage e Pollard, 1998 citado por Campos, 2008) [4] – é um ponto atrativo, pois a partir de uma investigação da empregabilidade é possível conhecer, por exemplo, a porcentagem de egressos que atuam na sua área de graduação após a formação ou que estão desempregados.

A Figura 2 mostra que, na amostra, 61,11% dos egressos do gênero feminino atuam na área de graduação, em contraparte com 59,15% dos egressos do gênero masculino. Ademais, uma certa disparidade é encontrada na porcentagem de egressos do gênero feminino e masculino que atuam em outras áreas e que estão desempregados, sendo 16,67% os egressos femininos desempregados em contraste com 25,35% egressos masculinos desempregados e 22,22% os egressos femininos trabalhando em outras áreas contra 15,49% os egressos masculinos trabalhando em outras áreas.

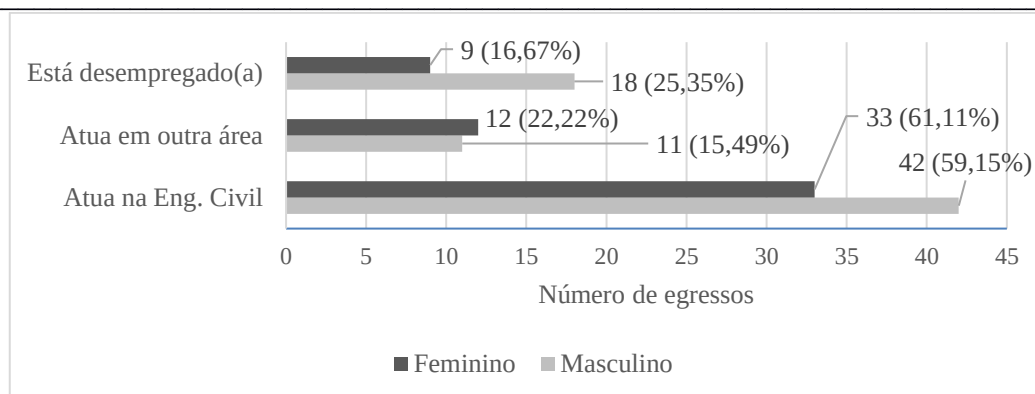


Figura 2. Comparativo entre gênero dos egressos e empregabilidade (Autoria própria)

A Figura 3 compara a empregabilidade dos egressos da amostra por semestre letivo da UFERSA no *campus* de Mossoró-RN sem considerar a área de atuação. Assim, as turmas de 2013.1, 2013.2, 2014.1, 2015.2 e 2017.1 atingiram 100% dos seus egressos no mercado de trabalho. Por outro lado, as turmas de 2018.2 e 2019.1 foram as que atingiram a menor porcentagem de egressos empregados: abaixo de 50% dos egressos. Já o restante das turmas atingira um valor igual ou superior a 60% dos seus egressos no mercado de trabalho.

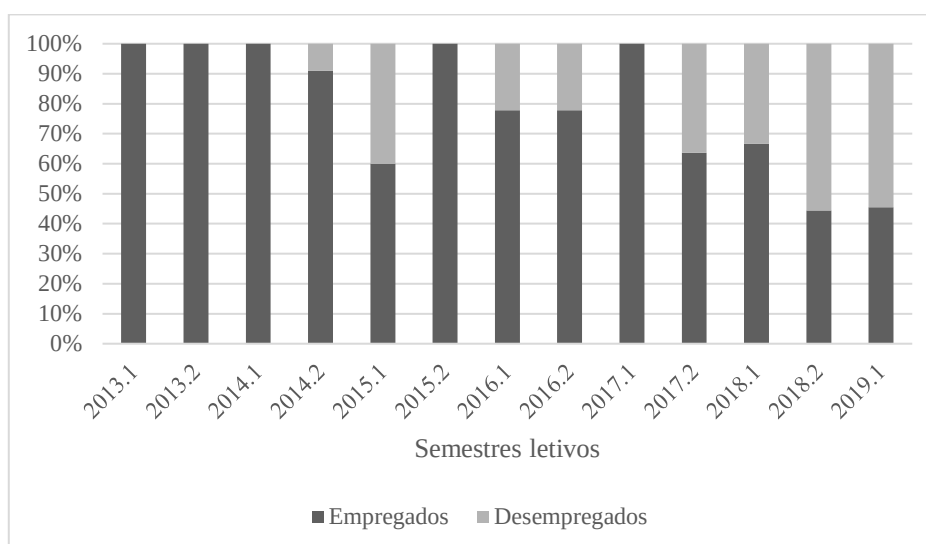


Figura 3. Empregabilidade por semestre letivo da UFERSA *campus* Mossoró (Autoria própria)

3.2. Áreas de formação e os caminhos Pós-Graduação dos egressos

Semelhante a Figura 2, a Figura 4 também mostra, mas sem considerar o gênero, a quantidade dos egressos da amostra que estão atuando na área da Engenharia Civil, que estão atuando em outras áreas e que estão desempregados, sendo: 75 (60,00%), 23 (18,40%) e 27 (21,60%) egressos, respectivamente.

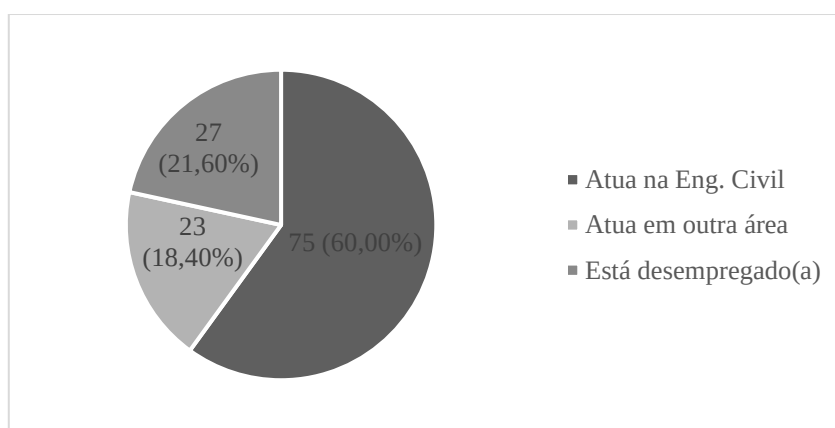


Figura 4. Empregabilidade dos egressos (Autoria própria)

Quanto as áreas de atuação profissional segundo a UFERSA [18], entre as 75 respostas dos egressos que estão atuando na área da Engenharia Civil, 70,67% responderam que trabalham diretamente na construção civil, seja com materiais de construção, técnicas construtivas, orçamentos, planejamentos, patologias, reabilitação das construções ou ensino na área; 12,00% responderam que trabalham com geotecnia e transportes (mecânica dos solos, fundações, obras em terra, estabilidade de taludes, melhoria de solos, estradas, pavimentação, entre outros); 9,33% responderam que trabalham com estruturas (resistência dos materiais, mecânica das estruturas, estruturas de concreto armado e protendido, estruturas de aço, entre outros); e 8,00% responderam que trabalham com saneamento e recursos hídricos (hidráulica, hidrologia, sistemas de esgoto e de abastecimento de água, tratamento de água e esgotos, gerenciamento de resíduo sólido urbano, instalações hidrossanitárias prediais, entre outros). Esses dados podem ser verificados na Figura 5.

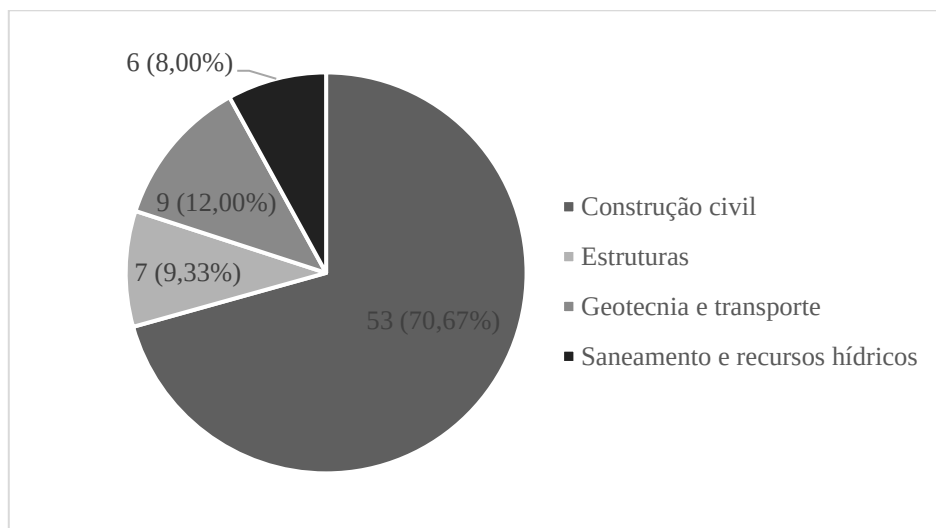


Figura 5. Área profissional dos egressos que atuam na Eng. Civil (Autoria própria)

A Figura 6 mostra qual o intervalo de tempo que os 75 egressos levaram para iniciar a atuação na área da Engenharia Civil. A maior parte desses egressos responderam que levou até 1 ano depois da conclusão do curso (37,33%) para entrar no mercado de trabalho da Engenharia Civil, ou que iniciaram durante a graduação (33,33%). Apenas 12,00% responderam que iniciaram antes da graduação, e somente 4,00% responderam que iniciaram após 3 anos depois da conclusão do curso. O restante iniciou entre 1 ano e 3 anos da conclusão (13,33%).

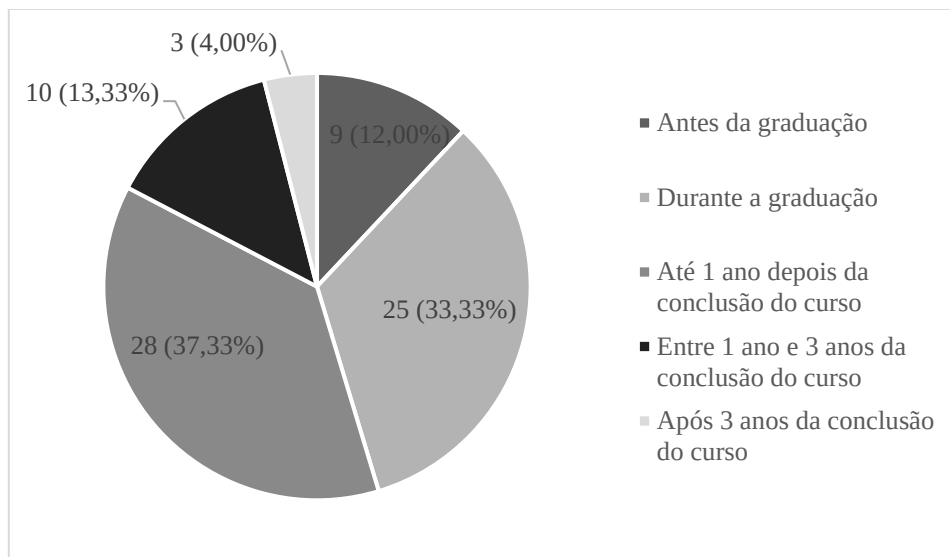


Figura 6. Intervalo de tempo para a iniciação da atuação na área da Eng. Civil pelos egressos (Autoria própria)

Entre os 23 egressos que disseram atuar em outras áreas, 30,43% responderam que o motivo era a falta de perspectivas na Engenharia Civil; 17,39% que era o mercado saturado; 26,09% que inicialmente tiveram melhores oportunidades em outras áreas e mais 26,09% disseram que tinham motivos particulares, como mostra a Figura 7.

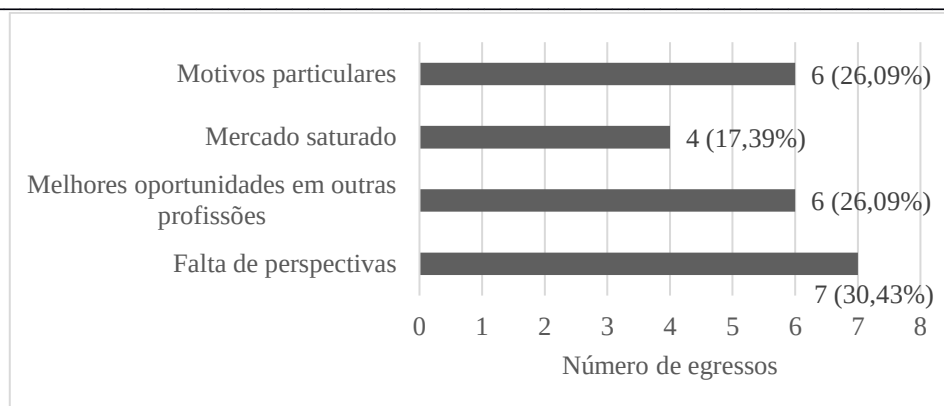


Figura 7. Motivos que os egressos deram para atuarem em outras áreas (Autoria própria)

Um grande percentual da amostra (62,40%) disse não estar satisfeito nem profissionalmente nem financeiramente como Engenheiro(a) Civil, em contraste com os que disseram estarem satisfeitos com ambos (24,80%). Além disso, 7,20% disseram não estarem satisfeitos financeiramente e outros 5,60% disseram estarem parcialmente satisfeitos tanto financeiramente quando profissionalmente, como mostra a Figura 8.

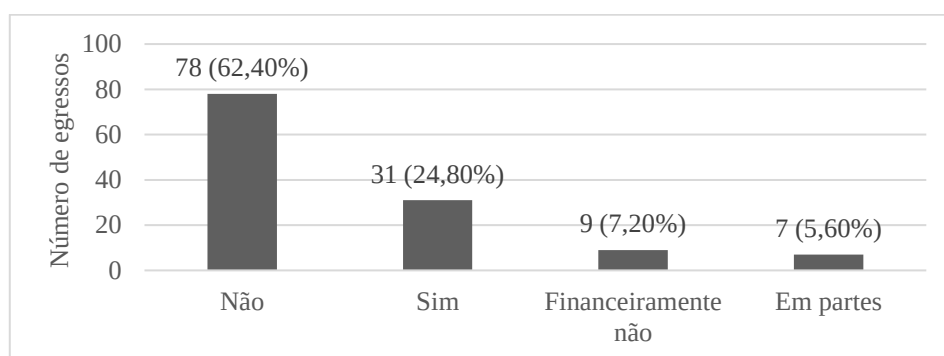


Figura 8. Você se sente profissionalmente e financeiramente realizado(a) como Engenheiro(a) Civil? (Autoria própria)

A Figura 9 resume as diversas dificuldades encontrados pelos egressos no ramo da Engenharia Civil, entre esses o maior problema relatado foi o mercado de trabalho em geral (28,80%), porém, outros problemas específicos como a falta de experiência ou conhecimento (19,20%) e desvalorização profissional (23,20%) também foram frequentes. Apenas 6,40% dos egressos responderam não saber quais são as dificuldades no ramo da Engenharia Civil e outras dificuldades como a saturação de mercado (9,60%), legislação de obras e edificações (3,20%), gestão de pessoas ou administrativa (4,00%) ou falta de mão de obra qualificada (4,00%) também foram relatadas.

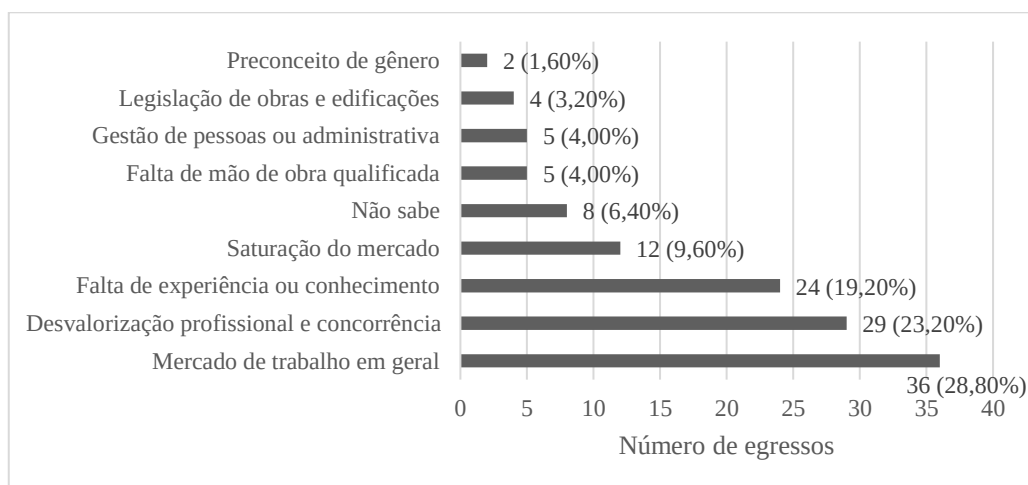


Figura 9. Dificuldades encontradas no ramo da Eng. Civil (Autoria própria)

Tratando-se sobre uma possível pós-graduação, 21,60% dos egressos relataram não ter cursado ou estar cursando alguma. Os egressos que responderam cursar ou ter cursado alguma pós-graduação representam 78,40%

da amostra, sendo: 44,80% uma especialização, 28,80% um mestrado e apenas 4,80% um doutorado, como mostra a Figura 10.

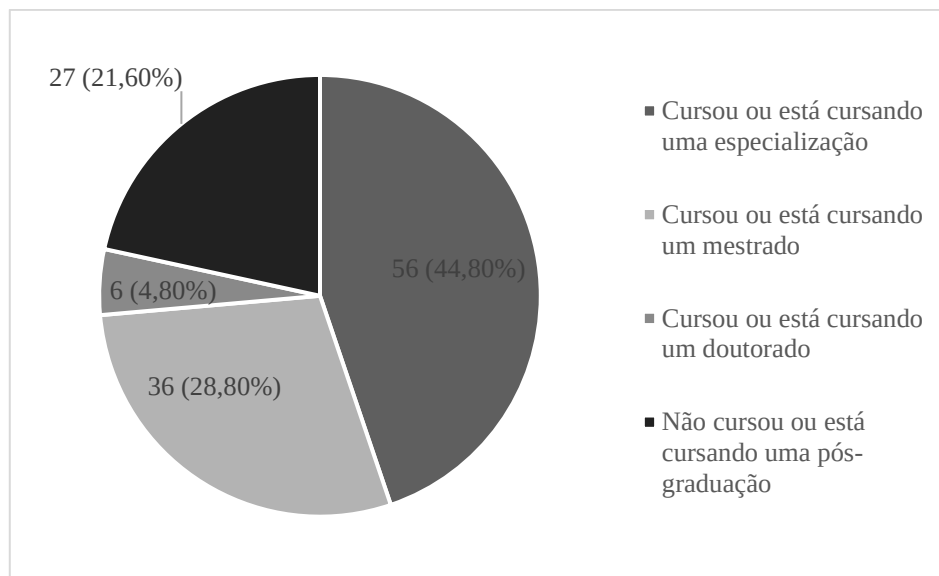


Figura 10. Egressos que cursaram ou estão cursando um mestrado, doutorado ou uma especialização (Autoria própria)

3.3. Migração dos egressos e nível salarial

A maior parte dos egressos da amostra possuem origens nordestinas (97,60%), distribuídos nos estados: Rio Grande do Norte (63,20%), Ceará (28,00%), Paraíba (4,80%), Bahia (0,80%) e Maranhão (0,80%). Além desses, outros egressos disseram que seus estados natais eram São Paulo (1,60%) e Rondônia (0,80%). A Figura 11 mostra a quantidade de egressos por estados de origem.

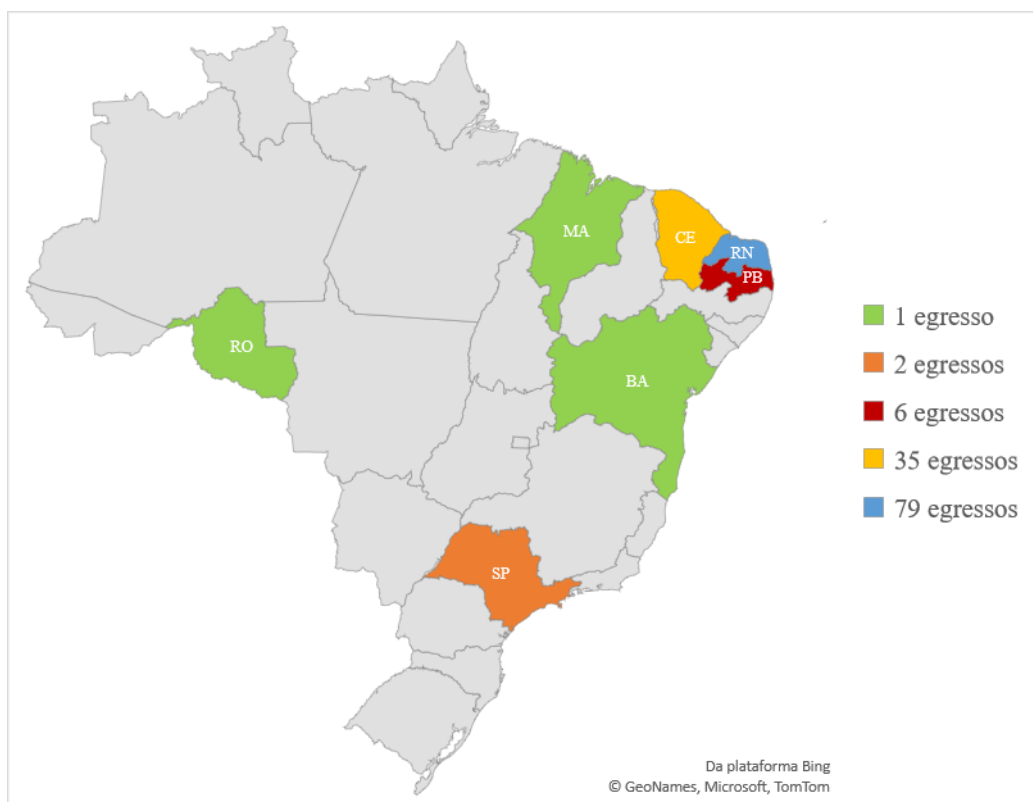


Figura 11. Quantidade de egressos por estados de origem (Autoria própria)

Após a graduação, o número de egressos da amostra morando no Nordeste diminuiu para 84,80%, principalmente no Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba, que possuem agora, respectivamente, 56,80%; 23,20%

e 1,60% dos egressos. Alguns deles moveram-se dentro do Nordeste para os estados do Maranhão e Pernambuco, aumentando a quantidade de egressos nesses estados para 1,60% e 0,80% respectivamente. Possíveis motivos para a diminuição da quantidade de egressos no Nordeste podem ser a frequente mudança entre locais de moradia (8,80%), a migração para o exterior (1,60%) ou a migração para outras regiões do Brasil. Somente o estado da Bahia (0,80%) manteve a quantidade de egressos no Nordeste.

Fora da região nordestina, alguns estados perderam egressos em número como São Paulo e Rondônia para 0,80% e nenhum egresso, respectivamente, enquanto que os estados do Distrito Federal, Pará e Rio Grande do Sul aumentaram seus números para 2,40%, 0,80% e 0,80%, respectivamente. A Figura 12 mostra a quantidade de egressos por estados onde moram atualmente, sem considerar os que não possuem moradia fixa e os que migraram para o exterior.

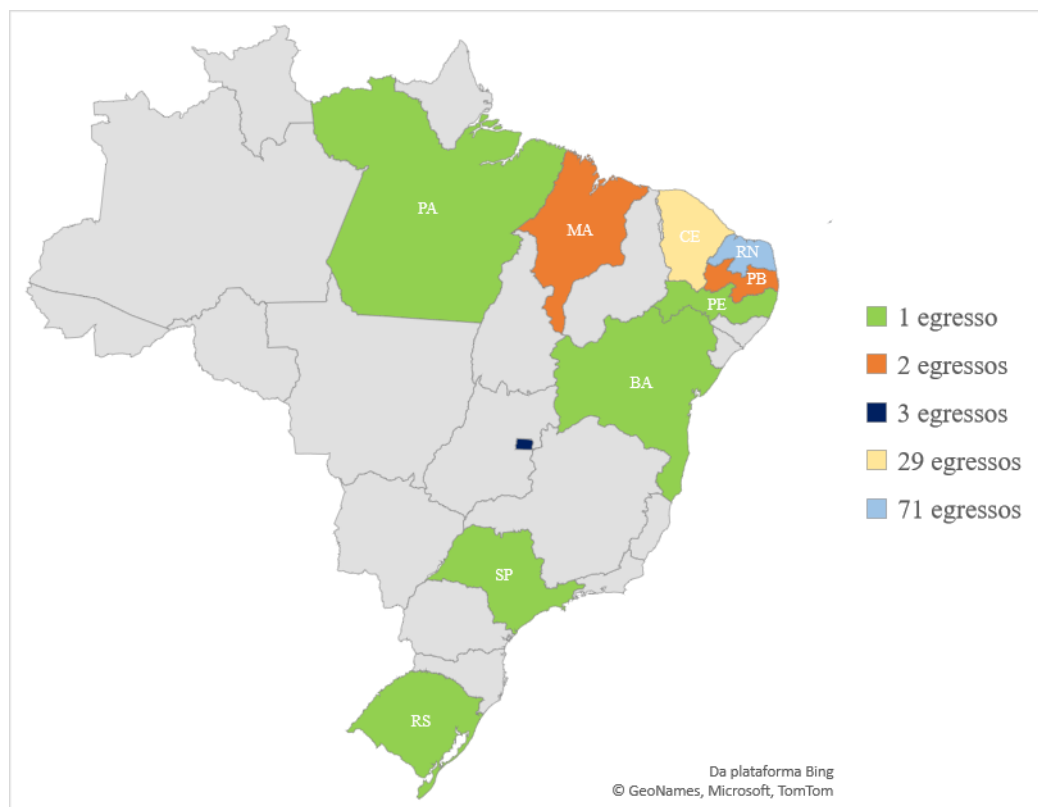


Figura 12. Quantidade de egressos por estados onde moram atualmente (Autoria própria)

Nota: Não foram incluídos na Figura 11 egressos sem moradia fixa (8,80%) e 2 egressos que moram no exterior (1,60%)

A Figura 13 revela a quantidade de egressos da amostra que saíram de sua cidade natal para cursar Engenharia Civil na UFERSA no *campus* de Mossoró-RN e que voltaram depois da graduação. Pela Figura fica claro que um pouco mais da metade (50,40%) da amostra se mudou para outro local após a graduação, enquanto que apenas 20,80% da amostra voltou para a cidade natal. Além disso, é preciso considerar que 28,80% do total da amostra moravam ou são nativos de Mossoró-RN – município onde está instalado o *campus* da UFERSA no qual foi realizado esse estudo - antes de iniciar a graduação e permaneceram após a conclusão do curso em Engenharia Civil.

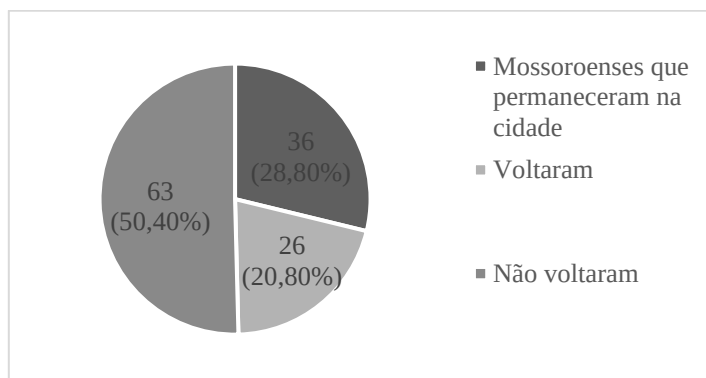


Figura 13. Quantidade de egressos que retornaram ou não para a cidade de origem (Autoria própria)

Tratando-se da renda mensal da amostra, a maior parte dos egressos (49,60%) dizem receber algum salário mensal fixo, contra os 28,80% que se dizem não assalariados. O restante dos egressos está desempregado, como mostrado na Figura 14.

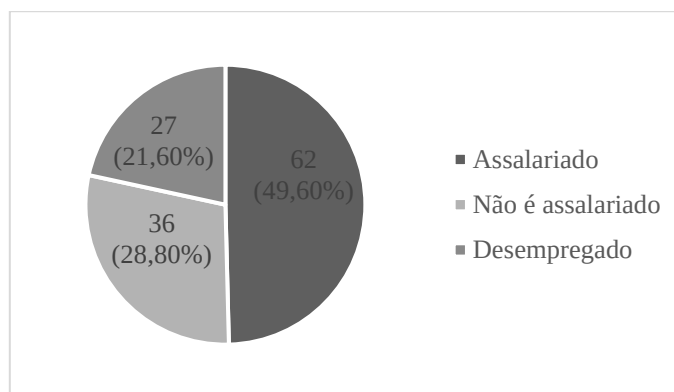


Figura 14. Quantidade de egressos assalariados (Autoria própria)

A Figura 15 releva a faixa salarial mensal dos egressos da amostra que responderam serem assalariados, por quantidade e gênero. Nele é possível perceber que 48,00% do grupo feminino recebe entre R\$ 4000,00 e R\$ 8000,00, enquanto que um valor inferior, de 35,14% do grupo correspondente recebe na mesma faixa salarial. Caso semelhante ocorre na faixa de até R\$ 4000,00, em que há uma porcentagem maior de egressos femininos (48,00%) recebendo nessa faixa se comparado com a porcentagem de egressos masculinos (45,95%).

Porém, ainda assim, a média salarial dos egressos femininos é menor do que a dos egressos masculinos, sendo de R\$ 4240,00 e R\$ 4588,24, respectivamente. Além disso, sem considerar o gênero, a média salarial mensal dos egressos é de R\$ 4440,68.

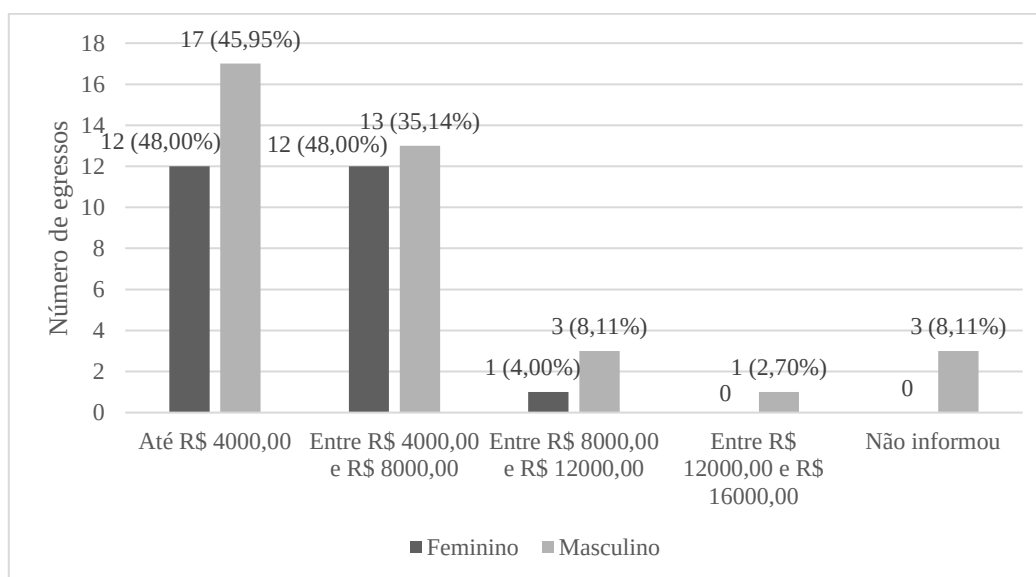


Figura 15. Faixa salarial mensal dos egressos por quantidade e gênero (Autoria própria)

4. CONCLUSÕES

Pelos dados obtidos é perceptível que houve um decréscimo no número de egressos da amostra que conseguiram obter emprego na época que coincide com o início de queda na economia do Brasil. A partir do segundo período letivo do ano de 2014 na UFERSA, apenas duas turmas conseguiram empregar todos os egressos da amostra até o primeiro período letivo do ano de 2019.

É possível que esse decréscimo de egressos empregados esteja verdadeiramente relacionado com a crise que ocorreu no Brasil na última década, porém, é importante acrescentar que diversos fatores podem influenciar na capacidade de se obter um emprego, como por exemplo o tempo de formação, já que 50,67% dos egressos (38 egressos) levaram até 3 anos para adquirir um emprego na área de Engenharia Civil e esse pode ser um motivo plausível para as turmas de 2018.2 e 2019.1 possuírem um valor abaixo de 50% de egressos empregados. Porém, a maior parte dos egressos da amostra está empregada (principalmente na área de formação) e trabalham

diretamente com a construção civil, apesar da crise econômica e dos outros fatores que influenciam na empregabilidade dos egressos.

Contudo, mesmo que grande parte dos egressos da amostra esteja empregada, a maioria relatou a existência de insatisfações profissionais e financeiras. A causa dessas insatisfações foram muitas, mas as principais foram com o mercado de trabalho em geral, incluindo a falta de experiência ou de conhecimento específico, a saturação do mercado, a desvalorização profissional e a concorrência, causas essas que possivelmente motivaram parte dos egressos empregados a optarem por outras áreas de atuação diferentes da Engenharia Civil, a se locomoverem para outras cidades em busca de ofertas de emprego e a iniciarem algum tipo de pós-graduação.

Além disso, tratando-se das insatisfações financeiras, um possível motivo é que o salário mensal médio em reais de R\$ 4440,68 dos egressos assalariados da amostra é menor, em 48,07%, que o piso estabelecido pela Resolução Nº 397/95, do Confea, de 8,5 salários mínimos para 8 horas de trabalho diárias [6], um valor que deveria ser R\$ 8551,00 considerando o salário mínimo de R\$ 1006,00 no ano de 2019.

Quanto as desigualdades de gênero, os dados mostram que também existe divergência salarial para os egressos em Engenharia Civil da amostra na UFERSA *campus* Mossoró, assim como ocorre no Brasil inteiro. Os egressos femininos continuam possuindo um salário mensal menor, em 7,59%, que os egressos masculinos, mesmo que os egressos masculinos representem o maior número entre os desempregados. Isso ocorre porque, de fato, há mais egressos masculinos recebendo valores acima de R\$ 8000,00 do que femininos e esses valores discrepantes tendem a modificar a média salarial dos egressos femininos para baixo.

Entre os relatos de dificuldades encontradas no ramo da Engenharia Civil, realmente existe a insatisfação por preconceito de gênero, mas, não é possível afirmar que somente o preconceito de gênero seja responsável pela menor remuneração média dos egressos femininos. Contudo, essa diferença salarial média pode ser atribuída a outros fatores como a disponibilidade de horas para o trabalho, porém esse assunto pode ser o objeto de uma pesquisa futura da UFERSA.

Portanto, todos os dados obtidos dos egressos mostram a capacidade que esse tipo de abordagem possui de disponibilizar informações relevantes para a melhoria do curso através do Projeto Político Pedagógico, identificando os principais problemas de mercado encontrados pelos egressos antigos e aplicando no curso novas ideias de melhoria que atendam as expectativas de mercado com o fim de empregar o maior número de futuros egressos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] BARBOSA FILHO, Fernando de Holanda. A crise econômica de 2014/2017. Estudos Avançados, São Paulo, v. 31, n. 89, p. 51-60, 2017.
- [2] BRASIL. Ministério do Trabalho e do Emprego. RAIS- Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em <<http://pdet.mte.gov.br/images/RAIS/2019/3-tabelas.xlsx>>. Acesso em 12 de novembro de 2020.
- [3] BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- [4] CAMPOS, K. L., VIEIRA, V. F., CAMARGO, A. P., SCHEGUSCHEVSKI, A., TAVARES, F. P., PIOVEZAN, N. M., & ALKSCHBIRS, S. R. (2008). Empregabilidade e competências: Uma análise de universitários sob a ótica de gestores de recursos humanos. Revista Psicologia: Organização e Trabalho, 8(2), 159-183.
- [5] CANÉ, Flávia Assis Fortunato. Transgêneros: A busca pela igualdade formal e material no direito brasileiro. 2018. 64 p. Monografia (Bacharel em Direito) - Universidade Paulista - UNIP, [S. l.], 2018.
- [6] CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA. Resolução no Nº 397/95, de 11 de agosto de 1995. Dispõe sobre a fiscalização do cumprimento do Salário Mínimo Profissional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 de out. 1995.
- [7] GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- [8] GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- [9] HILLAGE, J & POLLARD, E. (1998). Employability: developing a framework for policy analysis. DfEE. Department of Education and employment. Research Brief no. 85.
- [10] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PIB cai 9,7% no 2º trimestre de 2020. 1. set. 2020. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28721-pib-cai-9-7-no-2-trimestre-de-2020>>. Acesso em: 12, nov. 2020.
- [11] MATTEI, Taíse Fátima; CUNHA, Marina Silva da. A crise econômica brasileira e seus efeitos sobre o emprego formal: Uma decomposição shift-share estocástica. Revista Orbis Latina, Foz do Iguaçu/ PR, v. 10, n. 1, jun. 2020.
- [12] MATTEI, Taíse Fátima; BAÇO, Fernanda Mendes Bezerra. Desigualdades salariais entre homens e mulheres no mercado de trabalho formal no estado do Rio Grande do Sul. Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 8, n. 2, p. 143-167, 2017. ISSN 2177-2886.
- [13] MEC. REUNI – Reestruturação e Expansão das Universidades Federais. Diretrizes Gerais. Plano de Desenvolvimento da Educação. Agosto de 2007.

-
- [14] PIGNATA, Francine Aparecida; CARVALHO, Daltro Oliveira de. Efeitos da crise econômica no Brasil em 2015. *Diálogos Acadêmicos*, São Paulo, v.9, n. 2., jul./dez., 2015.
- [15] PIRES, Manoel Carlos. Política econômica e estabilização: uma breve análise da recessão brasileira. *Brazilian Keynesian Review*, Pampulha, Minas Gerais, v. 2, n. 2, p. 247-251, 2016.
- [16] PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró-RN, 2012.
- [17] RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. 2018.
- [18] UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO. Apresentação ao Curso de Engenharia Civil. Disponível em: <<https://engcivil.ufersa.edu.br>>. Acesso em 30 de out. de 2019.